

SABERES E TERRITÓRIOS: UM ESTUDO SOBRE MODOS DE VIDA DE GRUPOS SOCIAIS LOCAIS

Sônia Maria do Rosario Aleixo¹
sonia-aleixo28@hotmail.com

Maria das Graças da Silva²
magras@gmail.com
Grupo de Pesquisa em Educação e Meio Ambiente
(GRUPEMA)
Universidade do Estado do Pará – UEPA

Resumo

O estudo analisa a relação entre saberes e os territórios em que se efetivam experiências de trabalho desenvolvidas em uma comunidade rural ribeirinha na Amazônia Paraense. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa ancorada nos pressupostos teórico metodológicos da etnografia, sendo utilizada a observação participante e entrevista semi-estruturada. Apresentou como resultado uma cartografia de saberes em experiências de trabalho em que foram apresentados saberes mobilizados nas experiências da pesca artesanal, na extração de caranguejo (*Ucides cordatus*) e no cultivo de maniva (*Manihot esculenta*) em roças. A análise da relação entre saberes e territórios de trabalho sustentou-se na compreensão de que os grupos sociais locais (indígenas, quilombolas e povos da floresta) ao intervirem na natureza para dela manterem suas vidas, mobilizam saberes e processos educativos ancestralmente constituídos e que são fundamentais para a manutenção de modos de vida.

Palavras Chave: Saberes; Ancestralidade; Territórios rurais-ribeirinhos; Mundo do Trabalho.

Abstract

The study analyzes the relationship between knowledge and the territories in which work experiences are developed in a rural community in the Paraense Amazon. This is a qualitative research based on the theoretical methodological assumptions of ethnography, using participant observation and semi-structured interviews. It presented as a result a cartography of knowledge in work experiences in which knowledge learned in the experiences of artisanal fishing, the extraction of crab (*Ucides cordatus*) and the cultivation of maniac (*Manihot esculenta*) in fields were presented. The analysis of the relationship between knowledge and labor territories was based on the understanding that local social groups (indigenous, quilombolas and forest peoples) intervene in nature to maintain their lives, mobilize knowledge and educational processes ancestrally constituted and are fundamental for the maintenance of livelihoods.

Keywords: Knowledge; Ancestry; Rural-riparian territories; World of Work.

Introdução

A região Amazônica é constituída por grupos sociais locais (comunidades ribeirinhas, quilombolas, indígenas, entre outras), que historicamente foram subsumidas por uma ótica pautada na racionalidade moderna ocidental, a

¹Mestra em educação (UEPA), Pesquisadora do Grupo de pesquisa em Educação e Meio Ambiente - GRUPEMA (CNPq).

²Socióloga Doutora em Planejamento Urbano e Regional (UFRJ), com Estágio de Pós-Doutoramento em Sociologia Ambiental (ICS/PT), prof. Adjunto IV vinculada ao Centro de Ciências Sociais e Educação e ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará (UEPA), Líder do Grupo de pesquisa em Educação e Meio Ambiente – GRUPEMA (CNPq). Orientadora da Pesquisa.

que Santos (2010) denominou como indolente por desperdiçar a experiência. Esta racionalidade instituiu como único saber válido, o saber científico, não considerando outros tipos de conhecimentos como o dos indígenas, camponeses e demais grupos subjugados. Além do que, produziu como não existentes outras formas alternativas de racionalidades.

No entanto, com a emergência de paradigmas insurgentes que colidem com a lógica do pensamento moderno ocidental, foi possível construir espaços em que as vivências de grupos invisibilizados ocupassem o centro do debate acadêmico.

É neste contexto que a pesquisa realizada na Comunidade de Sobrado, que é uma comunidade rural ribeirinha na Amazônia Paraense, está imersa. Assim, trata-se de um estudo de abordagem qualitativa alicerçada nos fundamentos epistemológicos e metodológicos da etnografia e no trabalho de campo. A escolha desta abordagem foi motivada pelo entendimento de que os dados produzidos estão amalgamados em uma dimensão simbólica, sendo mais bem interpretados e compreendidos a partir desse tipo de abordagem. A amostragem adotada na pesquisa foi a não probabilística por acessibilidade, que segundo Gil (2008) é o tipo de amostragem em que o pesquisador seleciona os sujeitos da pesquisa pelo critério de acessibilidade e por sua representatividade diante do que se pretende investigar. Sendo assim, foram escolhidos seis moradores da Comunidade de Sobrado, sendo cinco homens e uma mulher. O critério de escolha centrou-se nas experiências publicamente reconhecidas pelos membros da comunidade tanto no que se refere ao cultivo da maniva em roças, como na pesca artesanal e na extração de caranguejo.

As reflexões sobre a cotidianidade dessa comunidade apontam para uma constelação de saberes associados às experiências de trabalho da pesca artesanal, extração de caranguejo (*Ucides cordatus*) e no cultivo de maniva (*Manihot esculenta*) em roças.

Os saberes cartografados não podem ser compreendidos se não estiverem em relação com a noção de território, pois constatou-se que os seres humanos ao intervirem na natureza, através do trabalho, estabelecem ligações com os territórios mantendo seus modos de vida.

Território, neste contexto, não está relacionado com a noção de uma demarcação físico- geográfica ou com a noção de fronteiras que demarcam o Estado-Nação. Na verdade toma-se como referência teórico conceitual para definir esta categoria as contribuições de Haesbaert (2004) e de Leff (2016).

Para Haesbaert (2004) território pode ser compreendido a partir da noção de apropriação e dominação do espaço proposto por Lefebvre (1991), este defende que o espaço é socialmente produzido por grupos sociais.

Deste modo Haesbaert compreende o território como “espaço-tempo-vivido”, por isso é múltiplo e diverso. Deve ser compreendido contextualmente sendo considerados os sujeitos que o constroem.

Para Leff (2016, p.454) território e vida são indissociáveis, pois, é “a reconstituição do corpo da vida, do húmus da terra, dos diversos estratos de ordem física, orgânica e simbólica onde circula e habita a existência humana”, é o ser humano que o constrói a partir das suas experiências de vida.

Assim, os territórios que constituem a comunidade de Sobrado podem ser considerados como territórios de vida, pois é por meio e através deles que os moradores sustentam sua existência cultural e material, mobilizando saberes e suas vivências cotidianas.

Método: Cartografia de Saberes

As contribuições de Deleuze e Guattari (1995) permitiram a construção de um mapa de saberes, revelados nas experiências de trabalho na Comunidade do Sobrado, lócus desta pesquisa. Assim, a elaboração de uma cartografia possibilitou o mapeamento e a compreensão dos saberes presentes nas experiências relacionadas ao cultivo da maniva, extração de caranguejo e pesca em uma comunidade rural-ribeirinha na Amazônia, pois conforme Silva et al. (2011, p. 66):

mapear significa reunir saberes produzidos pelos sujeitos acerca de suas experiências e/ou modos de vida, fragmentados para que possam ser potencializados e coletivizados, ou seja, mapear é buscar encontros, percursos, por entre experiências e saberes, cultura e poder.

No exercício do mapeamento dos saberes foi possível perceber as mãos de homens e mulheres calejadas pelo trabalho árduo de sol a sol, mãos que nem sempre conseguem manejar com destreza lápis ou caneta, mas que com grande habilidade manejam, por exemplo, as redes lançadas ao rio.

Olhos que nem sempre conseguem ter o êxito de decifrar habilmente as letras que dançam no papel, mas que sabem ler com grande desenvoltura a posição das estrelas no céu, levando em consideração a influência do ciclo lunar nas experiências produtivas que desenvolvem. Dessa forma, a brancura de seus cabelos, revela, além de outros valores e/ou situações, a sabedoria exercitada e acumulada ao longo da vida.

O saber se faz presente em todos os âmbitos das vidas partilhadas na comunidade do Sobrado, sendo configurado de diferentes formas. Charlot (2002) ensina que o saber está intimamente ligado à relação do sujeito com ele mesmo e com o mundo. Como são diversas as formas de relação com o mundo são também diversos os

tipos de saberes. Há saberes da ciência, saberes da escola e saberes do povo denominado por muitos autores de saber popular.

O saber da ciência também denominado de científico é caracterizado como rigoroso, sistemático e ligado ao processo de escolarização. Já o saber popular está intimamente relacionado ao senso comum e a tradição oral expressando a forma de agir do ser humano em seu cotidiano (OLIVEIRA, 2015).

Martinic (1994, p. 25) contribui para este debate ao afirmar que o saber “interpreta, organiza a experiência dos sujeitos e permite o reconhecimento coletivo de uma mesma noção de realidade”.

Assim, o saber está imerso nas teias que conformam a vida cotidiana da comunidade do Sobrado, podendo ser compreendido como as linhas Deleuzeguattarianas (linhas de segmentaridade, complementaridade e linhas de fuga também denominada de devir) e linhas Ingoldianas denominadas de linhas da vida. Considerar o saber como linhas é colocá-lo em um campo filosófico que dialoga com o pensamento rizomático proposto por Deleuze e Guattari.

Resultados e Discussão

Os Saberes da Roça: cultivar a maniva

O cultivo da maniva constitui-se como herança indígena, pois estudos revelam que era uma prática comum entre os índios da matriz Tupi.

Segundo pesquisas arqueológicas, o cultivo desta planta tuberosa foi realizado por grupos indígenas pré-colombianos, sendo percebidos vestígios em extensas áreas de cultivo ainda em tempos antigos. Atualmente, se constitui como umas das principais experiências agrícolas na Amazônia, desenvolvida por pequenos agricultores, uma vez que a farinha faz parte do cardápio alimentar desta região (LIMA; STEWARD; RICHERS, 2012).

O cultivo da maniva revela a importância dos saberes sobre os ciclos da natureza e sobre o uso das ferramentas de trabalho. É constituído por várias etapas percebidas no comentário a seguir.

Isso aí vem a parte da terra, por que agora no momento tu não vai plantar uma maniva sendo que a terra tá seca né! Então o que é que a gente faz agora? - O planejamento pra roça, o planejamento pra roça é agora! A gente roça, deixa secar, aí vem agora mês de novembro a gente taca fogo, deixa a terra descansar, quando em janeiro cair a primeira chuva ou então em dezembro, tem muitas planta de dezembro, que cair uma chuva que dê pra molhar a terra, aí o que a gente faz ? - A gente acorda cedo e vai plantar o

primeiro carrerão da roça, que chama o dezembro, e tem muitos que aproveitam e plantam logo toda a roça, por que a planta de dezembro é muito boa, dá muito mantimento! (MESTRE CHARUTO II, 2016).

O depoimento de Mestre Charuto II revela a existência de um planejamento para a formação da roça e que está intimamente associado aos ciclos da natureza. A organização deste tipo de trabalho aponta para as etapas que constituem o cultivo da maniva que são: brocar, queimar e plantar. Cada etapa realizada mobiliza um conjunto de diversos saberes.

Ressalta-se que na comunidade do Sobrado ocorrem os chamados “convidados”, que se referem a uma troca de dia de trabalho entre vizinhos. Este evento consiste em um mutirão que reúne membros da família, vizinhos, compadres que unidos por laços de parentesco e vizinhança, ajudam-se mutuamente trocando dias de trabalho. Hébette, Alves e Quintela (2002) apontam essas relações como características da agricultura familiar na Amazônia, cujos laços de compadrio e vizinhança são fundamentais para a coesão social.

Os convidados são espécies de encontros caracterizados pelas relações de reciprocidade e pela partilha de saberes e aprendizados. Silva (2015, p. 1793) considera que “o saber em comunidades rural ribeirinhas se constitui como uma prática desenvolvida em família ou entre famílias, num constante diálogo de seres, saberes e natureza”.

Saberes do mangue

A coleta de caranguejo se constitui como uma atividade de pesca, pois conforme Oliveira e Maneschy (2014) existe uma legislação que regulamenta a atividade pesqueira no Brasil que é a lei nº 11.959/09, nesta lei os tiradores de caranguejo são nomeados como pescadores artesanais.

Esta é uma prática de trabalho que remonta tempos antigos, estudos arqueológicos apontam para existência de *sambaquis*³ na zona costeira paraense, indicando que os primeiros habitantes desta região tinham como fonte de alimentação ostras, mexilhões, siris, caranguejo, peixes e demais opções que a natureza lhes proporcionava (MANESCHY, 1993).

³ Designação dada a antiquíssimos depósitos, situados ora na costa, ora em lagos ou rios do litoral, e formados de montões de conchas, restos de cozinha e de esqueletos amontoados por tribos selvagens que habitaram o litoral americano em época pré-histórica (FERREIRA, 1986).

Deste modo, os manguezais constituem-se como lugares importantíssimos por serem fontes de alimentação para seres humanos, por meio da oferta de caranguejo, desde tempos muito antigos. Também são berçários da fauna e da flora da região do salgado.

Bastos e Santos (2008, p.11) caracterizam estes locais como:

Áreas de preservação permanente em decorrência de sua alta produtividade primária, funções de reserva ecológica (centro de multiplicação de numerosas espécies animais), meio nutritivo e, sobretudo, fonte importante de recursos para as comunidades tradicionais. [...] Além de abrigar uma fauna e flora peculiares, os manguezais sustentam as populações humanas que vivem em muitos vilarejos da região do salgado paraense.

É neste território que homens e mulheres, em particular mais homens que mulheres, lançam-se em busca do caranguejo, munidos de anzol, paneiro, água e de um conjunto de saberes que lhes permitem a habilidade de andar por cima das raízes sem cair, ter a leveza de uma folha que não afunda ao tocar o solo lamoso. Mestre Charuto comenta sobre as agruras deste território ao afirmar que:

O mangal geralmente não é pra todo o mundo, o mangal é pras pessoas que sabe viver dentro dele, geralmente muitas vezes até a gente que já se acostumado, tem hora que a gente se perde, se atola, não sabe sair, tem que baixar o peso, pra se puxar pra poder sair, então quer dizer, que isso é uma habilidade que a gente tem com a gente mesmo, não é pra todos! (MESTRE CHARUTO II, 2016).

Tais dificuldades foram registradas por Maneschy (1993) ao expor a percepção dos tiradores de caranguejo sobre o trabalho que realizam no mangue.

Os *tiradores* são unânimes em reconhecer a dureza de seu trabalho. Com efeito, têm de caminhar sobre solos lodosos e escorregadios – solos que eles denominam de “barro”, ou “tijuco” – por entre emaranhados de raízes “aéreas”. Essa caminhada é ainda mais difícil ao final da jornada de trabalho, quando cada um carrega uma ou duas sacas de caranguejo. É comum, depois de alguns anos nessa ocupação, trazerem no corpo as marcas de quedas e feridas (MANESCHY, 1993, p. 28).

Nesta experiência de trabalho há uma entrega total do homem à natureza. Ele interage com o corpo inteiro, braços, mãos pernas e sentidos são mobilizados para perceber a presença e posteriormente realizar a captura do caranguejo. Para tanto, é preciso curvar-se às intempéries do mangue. Frio, cansaço, dores nas mãos,

estrepes nos pés, são circunstâncias diárias enfrentadas neste local de trabalho, que é o território da própria natureza.

Ressalta-se que em outras regiões do Pará são utilizadas técnicas de captura como *laço* e a *tapa*. Na Comunidade de Sobrado utiliza-se a técnica do braço associada ao uso do anzol, posto que o terreno lodoso tem certa profundidade sendo necessário o uso do anzol, como esclarece Mestre Visagem (2016).

olha! Ele tem de ter o apreparo dele, tem de ter o anzol, é um ferro que é torto amarrado num pau, mais um pau não grosso, é uma vara que é o cabo do anzol. Aqui pra nós onde recebe mais água doce o caranguejo é fundo, é tirado com aquele anzol. Pras praia ele é raso a gente tira com o braço mesmo. Aqui onde eu moro é só no anzol mesmo. Vamos dizer pra outras praia tipo o Curuçazinho, já é no braço.

A expressão “tem que ter o apreparo” indica saberes e habilidades fundamentais para esta prática de trabalho que estão associados ao exercício de atenção e paciência.

Saber identificar a toca do caranguejo fêmea, conhecido na comunidade como *condessa*, é importante para a preservação deste crustáceo, uma vez que a *condessa* não é capturada. A razão desta atitude está presente no depoimento a seguir.

A condessa é que mantém a gente! Por que se a gente for tirar todo o tipo de condessa, os caranguejos vão se acabar! Por que uma condessa, ela dá milhares de caranguejo por ano, que quando uma condessa desova, vamos supor um mangal desse aqui, ela bem dizê enche o mangal, um pedaço é só dela! Da família dela! (MESTRE CHARUTO II, 2016).

A narrativa revela uma preocupação com a reprodução da espécie, pois os trabalhadores que atuam no mangue sabem que se a condessa não for preservada pode afetar a própria fonte de subsistência deles. Este saber sinaliza para experiências sustentáveis dos recursos da natureza, conformados por um estilo cultural de organização produtiva (LEFF, 2009)

Este é um saber construído no cotidiano, e que em conjunto com os outros saberes relacionados às demais experiências de trabalhos vão constituir o que Silva (2014, p. 119) denomina como “uma diversidade epistemológica de conhecimentos que sustentam experiências de trabalho desenvolvidas em esferas locais e que conformam modos de vida”.

Saber pescar

No que tange ao trabalho da pesca Loureiro (2004, p. 34) evidencia a influência indígena ao afirmar que:

O homem natural da região amazônica [...] com o índio aprendera a reconhecer os peixes e as áreas de pesca; e o saber acumulado como pescador possibilitava-lhe a confecção de aparelhos artesanais, fabricados com materiais regionais, como bóias feitas de cipós e cuias, paneiros para guardar os peixes e inúmeros outros petrechos de pesca: “currais” para aprisionar peixes, aproveitando os movimentos das marés; puçás, armadilhas diversas para a pesca do camarão. E assim, com o tempo e a partir dos simples barcos escavados nos troncos, á maneira indígena, desenvolveram a pesca.

Essa influência pode ser evidenciada nas experiências de pescas desenvolvidas na comunidade do Sobrado, marcada pela heterogeneidade e pelo conjunto de saberes presentes na cotidianidade deste trabalho.

A hidrografia do lugar propicia esta atividade uma vez que é formada por vários igarapés e rios como: rio Maracanã, rio Chacoaré, rio Mato Grosso, e rio Peri-Miri que apresentam variadas espécies de peixes.

Dependendo do período do ano há uma prevalência de espécies conforme a salinidade da água nos rios e igarapés que compõem a hidrografia da Comunidade do Sobrado. Na narrativa a seguir essa transitoriedade de peixes é esclarecida.

Até dezembro a água tá salgada aqui na região, quando chove a água salgada já vai querendo diminuir e vai juntando com a doce do inverno, aí se une uma com a outra, a água fica suja, o peixe estranha! Ele sente o encontro dessas águas e tem algum que morre devido o encontro da água salgada com a doce. Quando muda a água salgada, os peixes da água salgada vão saindo e ficam os peixes da água temperada como carataí, piaba, mandií, o bagre, tem também o camurim (MESTRE DO RIO, 2016).

Para Moraes (2007, p. 27), os saberes da pesca “são conhecimentos, transmitidos das gerações mais experientes para os mais jovens, principalmente pela oralidade e pelas experiências cotidianas”. Na Comunidade de Sobrado estes saberes começam a ser aprendidos desde a infância quando as crianças acompanham seus pais na pescaria.

Com esta sabedoria os pescadores identificam os pontos piscosos através de rancos de peixes como o bagre, o pacamum, a jurupiranga entre outros, ou então pela presença de aves próximas aos igarapés cujo hábito alimentar inclui certas espécies de peixes como a piaba e o sarapó. Também percebem o *rastro* do peixe deixado em áreas de enseadas de rios, perceptível em períodos de vazante, pois Mestre Charuto II afirma que certas

espécies “Beliscam na lama mariscando na beira do rio, aí fica a cara deles na lama e dá pra gente reconhecer” como a pratinha e a tainha.

Furtado (1993) nomeia outros sinais percebidos pelo pescador como lizeira na água, causada pelo vômito dos peixes, presença de frutas, sementes e caroços consumidos por eles. São saberes que revelam uma profunda sintonia com a natureza, que evidencia o conhecimento das espécies da fauna e da flora.

Além dos saberes relacionados à identificação dos pontos piscosos há o saber cuidar o peixe que consiste em realizar lanhos, cortes, para poder penetrar o sal. Os cortes mais conhecidos são: o ticó, pequenos lanhos em diagonal; corte dos quartos do peixe ,quando este é cortado pelo meio em sentido horizontal e faz-se um lanho em linha reta da ponta do rabo até o meio do peixe , e faz-se outro do meio até próximo a cabeça na região dorsal. Há também o corte para assar o peixe, que consiste no talho pela região dorsal do mesmo. Existe também o talho de peixe grande, que consiste em um corte da ponta do rabo até a cabeça, em sentido vertical, separando duas bandas de peixe de mesmo tamanho.

Considerações finais

Os saberes revelados pelo estudo são como linhas que se territorializam, desterritorializam e se reterritorializam num processo contínuo, uma vez que ao circularem seguem diversas direções, se aninham em vários terrenos. São como os ritornelos emitidos por um pássaro.

Assim, emergiram várias modalidades de saberes como os saberes do cultivo da maniva no roçado, saberes da extração de caranguejo e saberes da pesca. De modo geral estes saberes guardam uma profunda relação de respeito para com a natureza evidenciado, por exemplo, no cuidado para que o fogo durante a queima da vegetação da futura roça não invada a floresta, assim como a não captura da condessa (fêmea do caranguejo) denota um saber ambiental.

Neste contexto, os saberes mobilizados nas experiências de trabalho em suas territorialidades, sustentam modos de existência de grupos sociais locais como os de uma Comunidade rural ribeirinha na Amazônia Paraense.

As análises dos saberes cartografados apontam para uma racionalidade que diverge da racionalidade hegemônica, se constituindo como insurgente uma vez que reflete modos de vida de grupos subsumidos pela racionalidade moderna ocidental. O descortinar dessas vivências é imperativo para que as “ausências”

produzidas sejam demolidas pelas “emergências” reveladas e reveladoras das muitas Amazôniaas que existem e que são ainda desconhecidas.

Referências

- Bastos**, Maria de Nazaré do Carmo; Santos, João Ubiratan Moreira dos (2008). Caracterização e composição florística de Ecossistemas Naturais. In: *A Flora da Resex Chocóaré – Matogrosso – PA*. Belém, MPEG.
- Deleuze**, Gilles. Guattari, Félix. (1995) *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1. São Paulo: 34 LTDA.
- Haesbaert**, Rogerio (2010). *Território e multiterritorialidade: um debate*.
- Hébette**, Jean et al. (2002) *No mar, nos rios e na fronteira: faces do campesinato no Pará*. Editora Universitária UFPA.
- Furtado**, Lourdes Gonçalves. (1993) Sem barco, como pescar? In: *embarcações, homes e rio na Amazônia*. Belém: UFPA.
- Gil**, Antonio Carlos. (2008) *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6ª Edição. São Paulo: Atlas.
- Leff**, Enrique (2009). *Ecologia, Capital e Cultura*. Petrópolis: Vozes.
- Leff**, Enrique (2016) *A Aposto Pela Vida*. Petrópolis-Rj: Vozes.
- Lefebvre**, Henri; Nicholson-Smith, Donald. (1991) *The production of space*. Blackwell: Oxford.
- Loureiro**, Violeta Refkalefsky (2004). *Amazônia: estado, homem, natureza*. Edicoes Cejup.
- Lima**, Deborah; Steward, Angela; Richers, Bárbara T. Trocas (2012) experimentações e preferências: um estudo sobre a dinâmica da diversidade da mandioca no médio Solimões, Amazonas. *Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi: Ciências Humanas*, v. 7, p. 371-396.
- Martínic**, Sergio. (1994) Saber popular y identidad. In: Gadotti, Moacyr; Torres, Carlos Alberto (orgs). *Educação popular: utopia latino-americana*. Cortez Editora.
- Maneschy**, Maria Cristina (1993) Estratégias Técnicas e Relações Sócios de Produção na Captura de Caranguejo, in . *Povos das Águas*, Museu paraense Emilio Goeldi, Belém
- Moraes**, Sergio Cardoso de (2007) *Uma Arqueologia dos saberes da pesca Amazônia e Nordeste*. Belém: Editora universitária UFPA.
- Oliveira**, Ivanilde Apoluceno (2012). *Racionalidade Científica contemporânea*. (mimeo). Belém :UEPA.
- Santos**, Boaventura de Sousa. (2010) Da Ciência Moderna ao Novo Senso comum. In *A crítica da razão indolente*. 4e. São Paulo, Cortez.
- Silva**, M. das G. et al. (2011) Cartografias e método (s): outros traçados e caminhos metodológicos para a pesquisa em educação. *Abordagens teóricas e construções metodológicas na pesquisa em educação*. Belém, PA: EDUEPA, p. 59-78.

Silva, Maria das Graças. (2014) Saberes culturais e suas repercussões no uso dos recursos naturais. *Ambientalmente sustentável*, v. 2, n. 20, p. 1781-1798.

Silva, Maria das Graças da; CUIVAR, Raimunda Martins. (2016) Saberes Ambientais Locais: narrativas de Colares. In *Saberes da Experiência, Saberes Escolares diálogos interculturais*. Belém: EDUEPA.